Revista Brasileira de Educação em Geografia
ISSN 2236-3904

OUTRO OLHAR SOBRE O LUGAR:
manejar as lentes para redescobrir o espaço vivido

Hanilton Ribeiro de Souza [1]
hrsouza@uneb.br

Luciana Cristina Teixeira de Souza [2]
lunasouza@yahoo.com.br

Resumo
Tendo como referência a importância da relação com a cidade como espaço vivido e as diversas maneiras de percebê-la, neste trabalho buscamos partilhar as experiências construídas conjuntamente entre professores/as do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB – Campus V – Santo Antonio de Jesus/BA) e discentes do ensino médio do Colégio Estadual Polivalente de Castro Alves, localizado no município de mesmo nome. Reunimos reflexões oriundas das nossas experimentações analisando produções inovadoras como resultado das atividades elaboradas pelos/os sujeitos envolvidos nas práticas vivenciadas no cotidiano escolar em confronto com pensamentos e ideias forjadas no cotidiano acadêmico dos/as autores/as. Para tal feito, a premissa mais importante aqui confere ao mundo das imagens o potencial de descobertas e construção de conhecimento em sua interface com o mundo da educação. Ademais, procuramos evidenciar a importância da construção coletiva e interdisciplinar orientada pela concepção curricular presente nas proposições das práticas indicadas pelos/as professores/as em Geografia.

Palavras-chave
Geografia, Ensino, Cidade, Imagem, Fotografia.

OTRA MIRADA EN EL LUGAR:
manejar las lentes para redescubrir el espacio vivido

Resumen
Teniendo como referencia la importancia de la relación con la ciudad como espacio vivido y las diversas formas de percibirla, en este trabalho buscamos compartir las experiencias construidas conjuntamente entre profesores/as del curso de Licenciatura en Geografia de la Universidad del Estado de Bahia (UNEB– Campus V – Santo Antonio de Jesus/BA) y estudiantes de la enseñanza media del Colegio Estadual Polivalente de Castro Alves, localizado en el municipio del mismo nombre. Reunimos reflexiones sobre nuestras experiencias analizando producciones innovadoras

[1] Prof. do Departamento de Didática da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Av. Pasteur, 250/fundos, 2º andar. Campus Praia Vermelha/UFRJ. Rio de Janeiro (RJ). CEP 22290-240

[2] Prof. do Departamento de Didática da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Av. Pasteur, 250/fundos, 2º andar. Campus Praia Vermelha/UFRJ. Rio de Janeiro (RJ). CEP 22290-240

como resultado de las actividades elaboradas por los sujeitos involucrados em las prácticas vividas cotidianamente em el ambiente escolar em contraposición con los pensamientos e ideas creados cotidianamente em el mundo académico de los/las autores, centrándonos en el mundo de las imágenes y en el potencial de construcción del conocimiento dentro del mundo de la educación. Además, procuramos resaltar la importancia de la construcción colectiva e interdisciplinar del conocimiento orientada por la concepción curricular presente en las propuestas de las prácticas indicadas por los/las professores/as de Geografía.

Palabras clave
Geografía, Educación, Ciudad, Imagen, Fotografía.

Introdução

> Especular, refletir: toda atividade do pensamento me remete aos espelhos. Segundo Plotino, a alma é um espelho que cria as coisas materiais refletindo as ideias de uma razão superior. Talvez seja por isso que eu preciso de espelhos para pensar: só consigo concentrar-me quando em presença de imagens refletidas, como se minha alma tivesse necessidade de um modelo para imitar toda vez que exercita sua virtude especulativa [...] Tão logo levo um caleidoscópio ao olho, sinto que minha mente, ao ver os fragmentos de cores e linhas heterogêneas agruparem-se e comporem figuras regulares, encontra imediatamente o procedimento a ser seguido – mesmo que seja apenas a revelação peremptória e lábil de uma construção rigorosa que se desfaz à menor batida de unha nas paredes do tubo, para ser substituída por outra em que os mesmos elementos convergem num conjunto diferente (CALVINO, 2003, p. 165).

Segundo Houaiss (2011, p.153), a palavra "caleidoscópio" deriva das palavras gregas (k*alos*) "belo, bonito", (*eidos*), "imagem, forma", e (*scope*o), "olhar, observar", sendo “um tubo cilíndrico com jogo interno de espelhos que produzem múltiplas imagens simétricas”. Já no sentido figurativo, define-se como “conjunto de objetos, cores, formas, sensações que formam imagens que se sucedem”. Cremos que a definição figurada seja mais apropriada para nossa discussão: a cidade, ou seja, a percepção de um espaço formado por um conjunto de coisas, valores, signos e situações em constante processo de mutação.

Nesse sentido, concebemos que a cidade, nosso espaço vivido - um caleidoscópio urbano - necessita ser apropriado por todos nós, a fim de que compreendamos a escrita cumulativa que consta em tal espaço. Segundo Rolnik (2004, p. 18), “é como se a cidade fosse um imenso alfabeto, com o qual se montam e desmontam palavras e frases”.

Rolnik (2004, p. 12) ainda destaca que “não se está nunca diante da cidade, mas quase sempre dentro dela”. E estando na cidade, vivendo e sendo a cidade, as formas, funções, ações, valores, signos e símbolos são também reflexos de nós mesmos. Quanto a isso, tendemos a concordar com a proposição de Calvino (2003), ou seja, torna-se necessário que tenhamos um outro olhar em relaçâo à cidade. Talvez

precisemos, também, vê-la refletida por meio de imagens capturadas, a fim de pensarmos e refletirmos sobre nós mesmos, na relação com o espaço urbano.

Segundo Santos (1998, p. 37) "é pelo lugar que revemos o mundo e ajustamos nossa interpretação". Assim, ao olharmos a cidade, numa observação mais especulativa e reflexiva, como indica Calvino (2003), vemos imagens refletidas de nós mesmos e das gerações passadas, e tal análise pode fornecer subsídios importantes para a apreensão da realidade em que estamos inseridos.

> O próprio espaço urbano se encarrega de contar parte de sua história. A arquitetura, esta natureza fabricada, na perenidade de seus materiais tem esse dom de durar, permanecer, legar ao tempo os vestígios de sua existência. Por isso, além de continente das experiências humanas, a cidade é também um registro, uma escrita, materialização de sua própria história (ROLNIK, 2004, p. 9).

Lefebvre (2001, p. 61) enfatiza que "sim, lê-se a cidade porque ela se escreve, porque ela foi uma escrita. Entretanto, não basta examinar esse texto sem recorrer ao contexto". Sendo assim, nosso objetivo não será apenas a leitura de alguns objetos do espaço urbano, mas a apreensão plena da realidade do lugar, a fim de que possamos nos apropriar e vislumbrar a transformação efetiva do espaço onde vivemos. Nesse contexto, Carvalho (2009, p. 48) destaca que "compreender a cidade se apresenta como um desafio que pressupõe a compreensão do movimento do modelo de produção e socialização em que esta se insere".

Fernandes (2009), apoiada nas discussões de Bernet (1997), destaca que, para uma apreensão plena do espaço urbano, torna-se necessário superar a parcialidade e a superficialidade que temos em relação à cidade e aos processos urbanos, tendo em vista que tais deficiências na percepção espacial ocasionam uma visão fragmentada e incompleta da realidade. Sobre a parcialidade, temos:

> Fatores como classe social, o lugar de residência, o grupo geracional, o trabalho, os hábitos familiares ou de ócio de cada qual determinam que cada indivíduo não conheça mais que uma parcela ou uma dimensão muito limitada de sua cidade. Isso se dá porque, na realidade, uma cidade está composta de muitas cidades diferenciadas, objetiva e subjetivamente: a cidade dos jovens e a cidade dos mais velhos; a dos ricos e a dos pobres; a noturna e a diurna; a cidade da marginalização e a cidade que mostram os postais (FERNANDES, 2009, p. 64-65).

E quanto à questão da superficialidade:

> Informalmente aprendemos a usar quotidianamente a cidade, mas aprendemos muito menos a entendê-la e a decodificá-la além da obviedade. Informalmente descobrimos a aparência da cidade, mas não detectamos sua estrutura;

> conhecemos sua atualidade, mas desconhecemos sua gênese e sua prospecção (FERNANDES, 2009, p. 64).

Na busca pela superação da parcialidade e superficialidade, temos que experimentar o lugar, ou seja, senti-lo e conhecê-lo mais intimamente, como destaca Tuan (1983, p. 203): "sentir um lugar leva tempo, se faz com experiências". Porém, além da experiência que devemos ter com nosso espaço vivido, também necessitamos ter um olhar diferenciado, a fim de que tenhamos uma visão mais reflexiva do contexto onde vivemos. Nesse sentido, Tuan (1983, p. 21) também nos alerta que "quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência". E ainda segundo Tuan (1983), a experiência abrange as diversas formas como nos relacionamos e construímos a realidade, sendo também a capacidade de aprender a partir da própria vivência.

Lynch também vem discutir a questão da experiência na análise do espaço urbano, à medida que para se sentir, viver e perceber uma cidade, é preciso tempo, ainda mais pela complexidade do ambiente urbano:

> Olhar para as cidades pode dar um prazer especial por mais comum que possa ser o panorama. Como obra arquitetônica, a cidade é uma construção no espaço, mas uma construção em grande escala, uma coisa só percebida no decorrer de longos períodos de tempo. O design de uma cidade é, portanto, uma arte temporal, mas raramente pode usar as sequências controladas e limitadas de outras artes temporais, como a música, por exemplo. Em ocasiões diferentes e para pessoas diferentes, as sequências são invertidas, interrompidas, abandonadas e atravessadas. (LYNCH, 2011, p. 01)

De acordo com as discussões de Ferrara (1999), o desafio da leitura da cidade e do urbano para a percepção ambiental, fundamentada nos sentidos, experiências, vivências e desejos, nos trazem desafios e também inúmeras possibilidades para a compreensão, reconhecimento e apropriação do nosso espaço vivido.

Diante do exposto, destacamos que o estudo da cidade e dos processos urbanos deve superar a descrição e/ou observação passiva do espaço, passando também a valorizar as experiências, vivências, sentimentos e desejos individuais e coletivos dos seus habitantes, pois como destaca Calvino, "as cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa" (1990, p. 44).

Enfim, como produção social, econômica, cultural, ambiental, política da sociedade, a cidade, como uma escrita cumulativa e sobreposta das sociedades que ali passaram e vivem, tem muito a nos contar. Precisamos decifrá-la para que conheçamos a nós mesmos, ou seja, formemos/ampliemos a nossa identidade.

> O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida [...] No lugar emerge a vida, pois aí se dá a unidade da vida social. Cada sujeito se situa num espaço concreto e real onde se reconhece ou se perde, usufrui e modifica, posto que o lugar tem usos e sentidos em si (CARLOS, 1996, p. 29)

Concordando com Santos (1987, p. 63) entendemos que, além da formação de nossa identidade, o espaço vivido também se constitui num espaço de fomento da cidadania: "as cidades têm um grande papel na criação dos fermentos que conduzem a ampliar o grau de consciência. Por isso são um espaço de revelação". No entanto, tal processo só se concretiza quando vivemos e experimentamos plenamente o lugar.

Massey[3] (2008 apud OLIVEIRA JÚNIOR, 2011, p. 248), destaca que "o modo como imaginamos o espaço tem seus efeitos sobre o modo como pensamos a nós mesmos e aos outros". Isso vem enfatizar a necessidade de apreendermos o espaço urbano, a fim de que construamos relações mais proativas e integradoras com tal espaço, com nossos semelhantes e com nós mesmos, na busca por uma cidade pertencente a todos.

No clique da máquina – outro olhar sobre o lugar

Sabemos que imagens, através da linguagem visual que expressa, possui a característica de transmitir muitas informações, levando o indivíduo a descobertas e ao conhecimento. As imagens fazem parte de nosso mundo, especialmente nesse momento histórico conhecido como mundo imagético, e compõem a paisagem. Assim, a interpretação torna-se imprescindível para a apreensão da realidade, superando a observação passiva e a mera descrição.

Concebemos que a contemplação da imagem capturada de determinado momento (situação, objeto, pessoas etc), é única, pois tal momento não se repetirá mais na realidade, foi capturado e será representado na fotografia, dando-nos a oportunidade de (re)criar pensamentos, emoções, lembranças e reflexões.

[3] MASSEY, Doreen. **Pelo espaço** – uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

Na observação da representação da imagem capturada da realidade, utilizamos e expandimos nossa imaginação para análise e interpretação do momento, objeto ou fato registrado, na busca por explicações, Assim, além do efeito nostálgico que tal contemplação pode nos causar, também há um efeito pedagógico, tendo em vista que, como imagem refletida da realidade, a fotografia também pode nos proporcionar novas reflexões do cotidiano, auxiliando-nos na leitura e interpretação do espaço vivido. Castellar e Vilhena afirmam:

> O uso de imagens ou fotografias na sala de aula contribui para que o aluno se aproprie dos conceitos geográficos trabalhados com atividades que resultaram em um processo de aprendizagem significativo. O aluno aprende um conceito quando sabe utilizá-lo em situação concreta e, aos poucos, vai interiorizando e consegue em outro momento aplicá-lo em novas situações (CASTELLAR; VILHENA, 2009, p.85).

Outra observação, que levamos em conta na orientação proposta, é sobre o que nos alerta Miguel: "as fotografias não são espelhos fieis dos fatos, mas fragmentos recortados num tempo e num espaço específicos" (1993, p. 89). Para essa autora, quem produz as fotos tem endereço, identidade etc, o que atribui ambiguidades e significações às mesmas, muitas vezes não-explícitas, o que torna necessário decifrá-las.

Nessa direção, a fim de aproveitar o potencial pedagógico das fotografias, e também partir de um novo e outro olhar sobre o espaço, é que propusemos o trabalho de pesquisa "Um outro olhar sobre Castro Alves/BA", com os alunos da 3ª série do Ensino Médio, ano 2010, do Colégio Estadual Polivalente de Castro Alves. Naquele ano, o município estava completando 130 anos de emancipação político-administrativa, e, ao propormos um trabalho de pesquisa com base em fotografias do espaço vivido, estávamos não apenas homenageando o lugar, como propiciando uma (re)leitura deste espaço, a partir do olhar dos jovens deste município. A pretensão, sobretudo, era provocar a criticidade e a reflexividade em relação à realidade local, superando assim a parcialidade e superficialidade em relação à leitura do espaço urbano que a maioria de nós costuma ter. Acreditamos que isto atrapalha nossa apropriação plena do espaço, elemento imprescindível para encaminharmos ações para a sua transformação, ou seja, a gestão do lugar. Segundo Schäffer:

> O estudo da cidade, mais que propiciar a descrição da mesma, visa sua compreensão e transformação, na medida em que vê no indivíduo (morador, aluno) o agente de produção e transformação[...] Não basta saber sobre a cidade e o urbano, mas impõe-se um envolvimento com o lugar, em atitudes de cooperação, respeito, participação e solidariedade (2003, p. 113-114).

Nesse mesmo sentido, Carvalho também discute que "a gestão da cidade por aqueles que a compõem é uma das formas sob as quais se apresenta a perspectiva de reapropriação de nossas vidas, de seus espaços e relações e de sua forma de reprodução" (2009, p. 54).

Nesta perspectiva, o trabalho proposto aos alunos tinha como objetivo, além de conhecer melhor a cidade e o urbano onde vivem, proporcionar uma (re)leitura da cidade, do seu cotidiano e também de nossas ações enquanto habitantes do lugar, reavaliando, sobretudo, nossa postura cidadã na gestão de tal espaço. Quanto a isso, Kaercher orienta que "conhecer nossa cidade pode ser um belo pretexto para conhecermos a nós mesmos, e vice-versa. Conhecer a nós mesmos pode ser uma maneira de melhor conhecer e cuidar de nossa cidade" (2011, p. 122).

Quanto aos procedimentos metodológicos, tal experiência pedagógica teve os seguintes passos:

- Apresentação da proposta aos demais professores da Unidade Escolar, visando a interdisciplinaridade;
- Apresentação e discussão da proposta com os alunos da 3ª série do Ensino Médio, ano 2010;
- Divisão dos grupos de trabalho e orientação para realização inicial da pesquisa: contatos, entrevistas e levantamentos bibliográficos sobre o lugar – Castro Alves;
- Reuniões periódicas entre os alunos (grupos), e com os professores orientadores do trabalho, a fim de analisar e planejar os próximos passos, quanto para sanar possíveis dúvidas;
- Seleção do local a ser fotografado, a partir do tema do projeto: Um outro olhar sobre o lugar. Captura e análise da imagem. Aprofundamento da pesquisa sobre o local escolhido e registrado em fotografia;
- Escolha do título da imagem. Impressão e emolduração da fotografia;
- Apresentação da fotografia em sala de aula, a partir dos seguintes tópicos: 1- justificativa da escolha do local/imagem; 2- relevância do trabalho; 3- contextualização sobre a imagem selecionada; 4- discussões e reflexões sobre a cidade e o lugar/objeto selecionado/fotografado; 5- considerações finais do grupo; 6- Avaliação parcial da apresentação pelos demais grupos e professores;
- Reuniões dos grupos e professores para preparação da Exposição Fotográfica: "Um outro olhar sobre Castro Alves/BA", na área de convivência do Colégio Estadual Polivalente de Castro Alves;

- Divulgação da Exposição Fotográfica na comunidade escolar e na cidade;
- Realização da Exposição, com participação da comunidade escolar e sociedade castroalvense;
- Plenária para avaliação final do trabalho (professores e alunos).

Com outros olhares sobre a cidade de Castro Alves, concebemos que oportunizamos aos nossos alunos a passagem de espectadores passivos do lugar onde residem para uma observação mais ativa e reflexiva da realidade, contribuindo assim para a ampliação de sua identidade e cidadania com o lugar. Nesse sentido, Lynch destaca que "o observador deve ter um papel ativo na percepção do mundo e uma participação criativa no desenvolvimento de sua imagem. Deve ser capaz de transformar essa imagem de modo a ajustá-la a necessidades variáveis" (2011, p. 06)

A seguir, selecionamos algumas imagens que compõem o projeto/exposição fotográfica, bem como o relato dos alunos que participaram deste trabalho:



Figura 1: O caminho perdido – 3ªA – Vespertino, 2010 – Equipe 01.
Fonte: Acervo dos autores, 2010.

> O trem no passado foi muito importante para o nosso desenvolvimento, juntamente com o fumo. A ferrovia continua, mas os trens de passageiros e as mercadorias embarcadas e desembarcadas aqui em Castro Alves acabaram. Hoje o trem passa levando ou trazendo riquezas de outros lugares. Ele passa e vê a decadência da estação e da cidade. O nosso futuro passou ou esquecemos de embarcar nele? Quais caminhos podemos seguir para encontrar novamente o desenvolvimento de nossa cidade? (EQUIPE 01 – 3ª A VESPERTINO, 2010).



Figura 2: Castro Alves e a Roda Gigante – 3ªA – Vespertino, 2010 – Equipe 02.
Fonte: Acervo dos autores, 2010.

> Na mesma praça vemos a diversão e a dura realidade, ou seja, o parque de diversões e a antiga estação ferroviária abandonada e depredada. Mesmo sendo um local que foi muito importante para nossa cidade, hoje se encontra em total abandono. Ao nos divertirmos no parque vemos a situação da estação e da nossa cidade e pensamos que tudo podia ser diferente e melhor, mas não é. O maior problema é que a diversão um dia vai embora, mas a realidade fica ali parada na praça da estação (EQUIPE 02 – 3ª A VESPERTINO, 2010).



Figura 3: O trem que passa e o futuro que passou – 3ªA – Vespertino, 2010 – Equipe 04.
Fonte: Acervo dos autores, 2010.

> Uma das coisas que ficou do trabalho de campo sobre a cidade, e também da pesquisa que fizemos, foi a importância que teve a ferrovia para nosso município, movimentando a nossa economia, mas tudo isso acabou. Hoje o trem ainda passa todos os dias por aqui, mas não tem o mesmo valor que tinha para nossa sociedade e nossa cidade no passado, pois o futuro para a gente parece que já passou e ninguém viu (EQUIPE 04 - 3ª A VESPERTINO, 2010).

Podemos observar nas figuras 1, 2 e 3, e também nos relatos, que alguns alunos enfatizaram a questão da decadência econômica do município, que, no passado, foi um importante entreposto comercial ferroviário do Recôncavo baiano, bem como teve sua economia atrelada à produção e manufatura do fumo (indústria fumageira). Porém, com a desvalorização do transporte ferroviário no Brasil, a partir da década de 1960, a condição de entreposto comercial foi perdida. Na década de 1980, a indústria fumageira entrou em crise no Recôncavo, e todos os armazéns de beneficiamento de fumo foram fechados na década de 1990. Isso ocasionou a quebra da economia municipal, e a migração de parte de sua população. Assim, nossos alunos demonstram uma preocupação com o desenvolvimento do município, com a conservação do patrimônio histórico do lugar e também com a fixação dos jovens na cidade, à medida que, para conseguir emprego ou continuar os estudos no Ensino Superior, terão, provavelmente, que migrar, abandonando sua terra.

Na perspectiva de conhecimento da história e da realidade do lugar, concordamos com Tuan (1980, p. 114), quando destaca que "a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar".



Figura 4: Acima dos telhados, os símbolos da fé – 3ªA – Noturno, 2010 – Equipe 01.
Fonte: Acervo dos autores, 2010.

> Os símbolos da fé são vistos de todas as partes de nossa cidade, seja pelas capelas de São Roque e Santo Antonio, localizadas nos dois montes que cercam a cidade, e também pela torre da igreja matriz que pode ser vista de qualquer ponto da cidade, até das estradas que ligam nossa cidade a outros lugares, pois o primeiro ponto que se vê é a torre da igreja (EQUIPE 01 – 3ªA NOTURNO, 2010).



Figura 5: Igreja Matriz iluminada e iluminando nossa cidade – 3ªA – Matutino, 2010 – Equipe 02.
Fonte: Acervo dos autores, 2010.

> A igreja matriz além de ser símbolo da fé dos castroalvenses, também é um cartão postal de nossa cidade, localizada no centro é destaque e vista de qualquer parte da cidade. É um símbolo de nossa identidade e orgulho dos castroalvenses (EQUIPE 02 – 3ª A MATUTINO, 2010).

Nas figuras 4 e 5 podemos notar que os alunos destacaram os locais com os quais se identificam e que fazem parte da história do lugar, salientando com isso a identidade com a cidade, a partir de determinados símbolos e formas urbanas. Concebemos que numa cidade com problemas econômicos e com a perda ou deterioração do seu patrimônio histórico-cultural, os alunos quiseram destacar os símbolos urbanos que elevam a sua auto-estima e nos quais fundamentam a identidade com lugar, ressaltando assim a necessidade de preservar tais formas urbanas, nas quais podem apoiar o sentimento de auto-estima e identificação para com o espaço vivido. Segundo Tuan (1983, p. 217), "o entusiasmo pela preservação nasce da necessidade de ter objetos tangíveis nos quais se possa apoiar o sentimento de identidade".



Figura 6: Outro olhar sobre os montes de nossa cidade– 3ªA – Matutino, 2010 – Equipe 01.
Fonte: Acervo dos autores, 2010.

> A capelinha de Santo Antonio, em cima do monte que leva o mesmo nome é um local que além de expressar nossa fé, também possibilita a visão da cidade inteira. Lá de cima temos uma visão muito bonita da cidade, mas essa visão não é a real, pois mostra uma só cidade, escondendo as outras cidades, as desigualdades e preconceitos que possui e que são reveladas quando chegamos mais perto ou olhamos com outros olhares (EQUIPE 01 – 3ª A MATUTINO, 2010)



Figura 7: Outro ângulo da Praça Dionísio Cerqueira– 3ªA – Noturno, 2010 – Equipe 03.
Fonte: Acervo dos autores, 2010.

> Buscamos outro olhar da cidade, especialmente da Praça Dionísio Cerqueira, centro de nossa cidade. Esse novo olhar só foi possível a partir da torre da igreja matriz, onde pudemos visualizar nossa cidade por outro ângulo, revelando assim uma beleza escondida e que não conseguimos ver no nosso dia a dia. Assim, é importante ver a cidade de outras maneiras para que possamos conhecer e entender e melhor o lugar onde moramos (EQUIPE 03 – 3ª A NOTURNO, 2010).

Nas figuras 6 e 7 observamos que os alunos procuraram destacar novos olhares sobre a cidade, observando-a de outros ângulos, fazendo (re)leituras diferentes de espaços da cidade, e da própria cidade, que são vistos e/ou visitados diariamente, mas que, com o 'olhar cotidiano' não são notados, pois não paramos para observar criticamente nosso espaço vivido. Assim, a partir de um olhar diferenciado, conseguimos descobrir mais coisas sobre o lugar: belezas, formas, contradições e desigualdades, contribuindo assim para superar a parcialidade e a superficialidade que impedem uma apropriação plena da cidade por seus habitantes. Segundo Okamoto (1996, p. 17), "O fato de se estar com os olhos abertos não quer dizer que se vê a realidade, pois ela é percebida através de conceitos, símbolos, mitos etc. Muitas vezes a sua apreensão requer uma profundidade de visão maior do que a que normalmente se tem".



Figura 8: Cores e sabores da feira livre – 3ªB – Vespertino, 2010 – Equipe 03.
Fonte: Acervo dos autores, 2010.

> A feira livre de Castro Alves é de grande importância para a sociedade castroalvense, pois movimenta toda a economia nos dias em que acontece, nas quartas, sextas e sábados. O barulho e a desorganização da feira às vezes nos impede de ver a sua beleza, ou seja, as cores, os cheiros, os sabores e também de enxergar que ali é local de

> sobrevivência para muitas pessoas do nosso município e de outros lugares que vem vender e comprar produtos. A feira livre é o coração de nossa cidade, batendo mais forte em nossas vidas (EQUIPE 03 – 3ª B VESPERTINO, 2010).



Figura 9: A fábrica de calçados – uma esperança! – 3ªA – Noturno, 2010 – Equipe 02.
Fonte: Acervo dos autores, 2010.

> A chegada da fábrica de calçados Andressa, em 2004, trouxe esperança para os castroalvenses, principalmente para nós, os mais jovens, pois empregou muitas pessoas, cerca de 500 jovens, que se não fosse esta fábrica já teriam ido embora de nossa terra, tentando ganhar a vida em outros lugares, abandonando seus sonhos, sua terra e sua família (EQUIPE 02 – 3ª A NOTURNO, 2010).

Nas figuras 8 e 9 notamos novamente a preocupação com a questão econômica municipal, ou seja, a geração de emprego e renda, bem como quanto à migração e seus fatores sobre o indivíduo (perda dos referenciais identitários) e sobre a cidade (diminuição do capital social para promover transformações no lugar). Segundo Carlos (1996, p. 15), "o lugar abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço. Ao mesmo tempo, posto que preenchido por múltiplas coações, expõe as pressões que se exercem em todos os níveis".



Figura 10: Ruínas da educação castroalvense! – 3ªB – Matutino, 2010 – Equipe 04.
Fonte: Acervo dos autores, 2010.

> Uma das tristezas de nossa cidade é ver um importante local totalmente abandonado e degradado como está o antigo Colégio São José, por onde passou centenas de castroalvenses, mas que hoje são apenas ruínas e vergonha para nossa terra. Infelizmente a situação deste local vem nos dizer que temos que mudar o nosso olhar e a nossa atitude para melhorar nossa cidade, pois da forma como se encontra não temos o que comemorar nos 130 anos de emancipação política (EQUIPE 04 – 3ª B MATUTINO, 2010).



Figura 11: Salve o Lyra porque ele é nosso! – 3ªB – Vespertino, 2010 – Equipe 05.
Fonte: Acervo dos autores, 2010

> O Lyra Tênis Clube, que foi um importante espaço de lazer, diversão e comemoração está totalmente abandonado. Cada vez mais nossa cidade perde espaços de diversão, e nós, os jovens, ficamos sem opção nenhuma, só restando os bares, nossas casas e a internet, deixando assim de viver a cidade (EQUIPE 05 – 3ªB VESPERTINO, 2010)

Com a decadência econômica, além da migração, também vem ocorrendo a perda de importantes espaços sociais e culturais da cidade, como o Colégio São José, fechado na década de 1990, e o Lyra Tênis Clube, desativado em 2002. Nas figuras 10 e 11 os alunos vem demonstrar a preocupação com a redução dos espaços sociais e culturais de nossa cidade, bem como quanto aos efeitos de tal processo para nossa cidadania. Segundo Castro:

> A cidadania tem uma forte dimensão espacial, o que a torna uma questão para a geografia. Tanto os direitos, inscritos no conceito, como o acesso a eles emergem da relação entre o território e as instituições sociais e políticas que mediatizam as lógicas que presidem a diferenciação da distribuição espacial da produção de riquezas e a repartição dos seus benefícios. (CASTRO, 2005, p. 200)



Figura 12: Pessoas que construíram nossa história – 3ªB - Vespertino, 2010 – Equipe 06.
Fonte: Acervo dos autores, 2010

> O outro olhar de nossa equipe sobre a cidade procurou revelar aqueles homens e mulheres que foram importantes na construção de nossa cidade e história e que hoje estão esquecidos no Abrigo Cristo Redentor. Somos nós que construímos a cidade e esses idosos também ajudaram a construir Castro Alves deixando suas marcas na cidade, mas

> hoje não utilizam a cidade mais como faziam antes e a cidade também nem se lembra deles (EQUIPE 06 – 3º B VESPERTINO, 2010).

Ao destacar que a cidade é uma escrita cumulativa e sobreposta das sociedades, que a construíram e a (re)constrói na atualidade, os alunos puderam perceber que a leitura do espaço urbano deve levar em conta vários fatores, a fim de que possam apreender plenamente tal espaço e transformá-lo para benefício da maioria, tornando a cidade de/para todos.



Figura 13: Exposição Fotográfica – Área de Convivência do Col. Est. Polivalente.
Fonte: Acervo dos autores, 2013.

Na figura 13, destacamos a exposição fotográfica, realizada em 2010, e que ainda consta no ambiente escolar, dando oportunidade aos novos alunos e à comunidade castroalvense de ver, analisar e refletir sobre os olhares diferenciados contidos nas imagens/fotografias em relação ao espaço vivido. Segundo Schäffer:

> O porquê de estudar a cidade ou o urbano nas aulas de geografia decorre da resposta a uma pergunta anterior e mais ampla: por que estudar Geografia? Tal importância decorre de ser a cidade o espaço no qual, com mais clareza, se visualizam a forte alienação entre o trabalho e a natureza, a máxima acumulação do capital, a intensidade das contradições e dos conflitos de interesse, mas, sobretudo, onde surgem as maiores possibilidades de organização de movimentos com o objetivo de transformação social (2003, p. 116)

Tecendo algumas considerações

Das reflexões que surgiram no decorrer de todo processo de intervenção proposto, a nosso ver, algumas merecem destaque:

É sabido que no cotidiano escolar e das práticas de ensino empreendidas por muitos de nós, professores de geografia, poucas vezes atentamos para a necessidade de superar uma leitura meramente funcionalista e simplificadora do espaço que a tradição científica da Geografia ainda teima em manter. Desatentos, algumas vezes seguimos uma tendência que herdamos da tradição da nossa formação, reproduzindo invisibilidades, preconceitos e visões recortadas de paisagens físicas e humanas.

O exercício do inovar, do fazer arriscado, errando, fazendo de novo e novamente... poderá contribuir para a construção de experiências diferenciadas e mais motivadoras no trabalho conjunto idealizado para e com os discentes sujeitos pró-ativos que esperamos que sejam.

Nesta experiência, em especial, buscamos criar as condições para oportunizar o diálogo entre práticas libertadoras da imaginação e a criação de saberes referendados no conhecimento prévio de nossos alunos, dados pela relação e vivência com o seu espaço vivido.

Essa escolha buscou quebrar o paradigma hierárquico da concentração do saber meramente formal quando valorizou as impressões, opiniões e posicionamentos construídos pelos discentes durante a criação das atividades sugeridas.

Percebemos a expressão do protagonismo e autonomia praticada pelos alunos ao manifestarem suas elaborações nas análises que formularam a partir das imagens que produziram em/dos seus espaços.

Esse protagonismo, esperamos, poderá contribuir na formação de indivíduos implicados e comprometidos com os processos de produção contínua do seu espaço geográfico, no que se refere à sua preservação, transformação, construção e valorização.

Referências

CALVINO, Ítalo. **Se um viajante numa noite de inverno**. Tradução Nilson Moulin – São Paulo: Planeta De Agostini, 2003.

_____. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARVALHO, Marcelo. Cidade-metrópole. In: ALVES, Luiz Roberto; CARVALHO, Marcelo (Orgs.). **Cidades** – Identidade e Gestão. São Paulo: Saraiva, 2009, p. 39-54.

CASTELLAR, Sônia. VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia.** São Paulo: Cengage Learning, 2009 (Coleção Idéias em Ação).

CASTRO, Iná Elias de. **Geografia e Política:** território, escalas de ação e instituições. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 2005

FERNANDES, Renata Sieiro. A cidade educativa como espaço de educação não formal, as crianças e os jovens. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos/SP: UFSCAR, v.3, n 1, p. 58-74, mai 2009. Disponível em http://www.reveduc.ufscar.br. Acesso em: 31 out. 2012.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. As ciudades ilegíveis: percepção ambiental e cidadania. In: DEL RIO, Vicente. OLIVEIRA, Lívia de. (Orgs.). **Percepção Ambiental:** a experiência brasileira. - 2.ed. – São Paulo: Studio Nobel, 1999, p. 61-80.

HOUAISS: **Dicionário Houaiss Conciso/**Instituto Antonio Houaiss (Org.). São Paulo: Moderna, 2011, p. 153.

KAERCHER, Nestor André. Conheça-se e revele-se estudando a cidade – experiências geopedagógicas para pensar nossa ontologia. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor. André. (Org.). **Geografia:** práticas pedagógicas para o ensino médio. volume 2. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 121-144.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** Tradução Jefferson Luiz Camargo – 3ª ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MIGUEL, Maria Lúcia Cerutti. **A fotografia como documento:** uma instigação à leitura. Acervo. Rio de Janeiro: arquivo Nacional. v. 6, n.1-3, jan.-dez. 1993.

OKAMOTO, Jun. **Percepção Ambiental e Comportamento**. São Paulo: Plêiade, 1996

OLIVEIRA JÚNIOR. Wenceláo Machado. Fotografias dizem do (nosso) mundo: educação visual no encarte Megacidades, do jornal O Estado de São Paulo. In: TONINI, Ivaine Maria. Et al (orgs). **O ensino de Geografia e suas composições curriculares.** Porto Alegre: UFRGS, 2011, p. 245-257.

ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade**? São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científico informacional – 4ª ed. – São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

_____ **O espaço do cidadão.** São Paulo: Nobel, 1987.

SCHÄFFER, Neiva Otero. A cidade nas aulas de geografia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al. (Org.). **Geografia em sala de aula.** 4ª ed.- Porto Alegre: UFRGS; Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 2003. p. 111-131.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Trad. de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

_____**Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

Recebido em 02 de julho de 2013.

Aceito para publicação em 29 de outubro de 2013.